

Os Estigmas de Cristo na Mística do Bem-Aventurado Pe. Gaspar



Pe. Nello Dalle Vedove, CSS

Tradução:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Eletrônica:

Setembro / 2005

"Caríssimos Irmãos,
é preciso que nos formemos imergindo-nos no mistério da Cruz, e aprendendo com a morte do Senhor a ciência do amor, a única que pode ajudar-nos e aos nossos irmãos a viver a vida nova que Cristo nos trouxe. Se nos deixarmos seduzir pelo fascínio dos divinos mistérios, aprendemos a ciência necessária para percorrer também os caminhos dos homens".

JOÃO PAULO II
aos Bispos do Piemonte, a 03.11.1984

OS ESTIGMAS DE CRISTO NA MÍSTICA DO BEM-AVENTURADO PE. GASPAR

Dia 7 de janeiro de 1983 a Sagrada Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino, aceitando o pedido apresentado apenas quatro dias antes pelo nosso Procurador Geral, assinava o rescrito que concede transferir nossa festa titular da Sexta-Feira antes das Cinzas para a Sexta-Feira depois do Segundo Domingo de Páscoa.

A inovação de grande alcance obtida de modo tão rápido, sem prévios esclarecimentos, deixou-me titubeante e perplexo.

Na verdade, o Capítulo Geral de 1982 exigia "um estudo aprofundado do problema, antes de apresentar o pedido à Santa Sé.

A meu ver, era evidente que se pleiteasse um estudo exaustivo não só sobre o aspecto teológico para convencer a Congregação de Culto Divino, mas ainda sob o aspecto histórico das Tradições Estigmatinas para tranquilizar os Filhos do Bertoni, aos quais era reservada a grande novidade.

Infelizmente este segundo aspecto foi totalmente preterido. O motivo que determinou essa mudança, conforme o proponente, foi "A reconquista da Visão Teológica da Unidade do Mistério Pascal, e portanto do sentido pleno dos Sagrados Estigmas como sinal próprio daquele Mistério".

Ainda considerando só o motivo Dogmático da mudança de nossa festa Titular, as dúvidas e perplexidades não faltam. Apresento antes de tudo o parecer de um experto, Pe. Pier Giorgio Nesti, Cp, Diretor da Escola Superior de Teologia da Cruz do Ateneu Antonianum de Roma.

Pe. Nesti ao qual submeti o argumento teológico que determinou a mudança de nossa festa, respondeu: "Este argumento reflete a tendência Teológica que reinava nos anos 1950 a 1960, e que vigorou ainda por mais algum tempo após o Concílio Vaticano II.

Essa teologia, contrastando a Tradição Plurissecular que cultuava especialmente a "Theologia Crucis", deu maior realce, no aprofundamento do mistério pascal, à "Theologia Gloríae". Porém desde 1972 com a publicação de "O Deus Crucificado" de Jurgem Moltman, iniciou-se um processo de volta à "Theologia Crucis". A obra do Teólogo Protestante, embora enfrentando algumas críticas, foi uma vergastada que obrigou à reflexão os teólogos católicos inclinados demais a acentuar a "Theologia Gloríae". Se portanto, antes prevalecera a Páscoa-Ressurreição, desde 1972 as coisas começaram a reequilibrar-se por uma compreensão mais harmoniosa do Mistério Pascal, mediante uma valorização maior da Paixão e da Cruz.

É evidente, conclui o abalizado estudioso, que se vocês celebram a solenidade dos Estigmas no Tempo Pascal a acentuação recai sobre as Chagas Gloríosas, porque o clima Litúrgico é este.

A inovação que coloca nossa festa no ciclo do Mistério Pascal, faz sobressair o "Mysterium Gloríae", quando pela nossa Tradição, devia sobressair o "Mysterium Crucis".

Do mesmo parecer do Pe. Nesti é o Pe. Adriano Nocent OSB, docente do Ateneu Anselmianum de Roma, que não pode ser suspeito de parcialidade.

São conhecidas suas atitudes acerca da importância do Mistério Pascal considerado na unidade. Embora não assumindo suas idéias avançadas, podemos aceitar quanto sugere acerca da nossa festa titular.

"Não é aconselhável celebrá-la num grande tempo litúrgico; não teria sentido sua celebração no Advento ou Quaresma. O tempo pascal seria o menos impróprio, mas não está certo, a meu ver, arriscar perturbar esse tempo central do Ano Litúrgico. Eu celebraria esta festa, embora em dependência da Páscoa, nas proximidades da festa do Sagrado Coração.

Esta última festa é também uma especificação fruto da mentalidade de uma geração que deseja especificar e particularizar o Mistério de Cristo.

Eu acho que colocada próxima do tempo pascal a festa dos Estigmas receberia o seu sentido também pascal".

Uma semelhante sugestão me encontra consciente, pois deixa um espaço, embora mínimo, ao respeito de nossas Tradições. A festa dos Estigmas, fora do tempo pascal, deixaria aquela liberdade de celebração que agradaria as exigências de todos. Poderia citar inúmeros outros estudiosos para demonstrar que a novidade introduzida em nosso Instituto não pode deixar tranqüilo a ninguém, pois não é uma conquista pacífica e inatacável.

Urge passar do campo teológico e litúrgico ao campo histórico - de nossas Tradições. Padre José Stofella, o mais acreditado de nossos historiadores, escreveu um artigo sobre o argumento, com este cabeçalho: "Exposição de Textos, que sempre devemos conservar presentes quando se trata ou se tenta de restringir o sentido do título de nossa "Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo", ao sentido exclusivo ou ainda proeminente de Cicatrizes Gloriosas de Nosso Senhor Jesus Cristo".

Não se diga que hoje já está superada a distinção entre Estigmas Dolorosos e Gloriosos, graças a unidade do Mistério Pascal, porque este é um disfarce que serve para fazer passar inobservada a aceitação da supremacia do "Mysterium Glorise", sobre o "Mysterium Crucis". Os documentos coligidos por Pe. Stofella serviram, ainda quando só datilografados, à bela e rica carta do Superior Geral, Pe. Dionísio Martinis (23 . 01.1947), onde ele anunciava que por voto unânime do último Capítulo Geral, fora decidido de reconhecer como festa litúrgica da nossa Congregação, a Festa das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Chagas bem entendido, dolorosas e sangrentas, não Cicatrizes Gloriosas. Pe. Stofella e Pe. Martinis não tiveram dificuldades para sufragar sua tese com inúmeros documentos.

A coisa é fácil para qualquer um que se aproxime de nossas fontes, como fez o conhecido Pe. Divo Barsotti, que estudando sobretudo os escritos e a vida de nosso Beato Pe., concluiu asseverando que Pe. Gaspar foi um místico da Cruz e da Paixão". Parece-me que sua conformação a Cristo na sua Paixão seja o traço mais - específico da espiritualidade italiana e sua. O modo de sentir, o desejo de sua participação à Paixão que se torna tão viva, tão ansiosa na celebração, me parece

não tenha referência a Santo Inácio. Talvez sua aspiração à transformação em Cristo seja mais terna e mais viva".

E no fim do seu estudo diz: "Deus não o uniu ao seu Filho que fadiga nas caminhadas do ministério, mas sim ao Cristo que padece e é crucificado. Uniu-o ao Cristo pela doença e pelo sofrimento. Pregou-o na cama por longos anos; e Pe. Gaspar se abandona humildemente à ação crucificante de Deus até a morte. O interessante é que Bertoni se sentiu chamado por este caminho desde os primórdios do seu sacerdócio. O Giacobbe notando como ele fugisse a todo e qualquer divertimento, embora lícito, como concertos musicais, apresentações literárias, explica que assim agia porque não queria que coisa alguma o desviasse daquela sabedoria sublime "de conhecer unicamente seu Senhor Crucificado". É bem marcante a lição de pedagogia do Bertoni que nos refere o Giacobbe: "todos os domingos acompanhado de seus fiéis oratorianos, fazia o exercício da Via Sacra com aquela piedade e devoção que a maior parte das vezes acabava em lágrimas de dor e compaixão do pacientíssimo seu Redentor. Acabada esta meditação que abrasara seus corações, dava início à aula de Doutrina Cristã.

Também na célebre missão de São Firmo (Maio de 1816), o Bem-Aventurado excogitou um apêndice frutuoso com a Via Sacra pregada. Quando a Serva de Deus Leopoldina Naudet (1831) pensou colocar as estações da Via Sacra no coro de Santa Teresa, dirigiu-se ao Bertoni, para saber quais autorizações fossem necessárias. O Beato Pai animou-a, pois, a licença era fácil de se alcançar, e o benefício é grande e não se pode descuidar, e eu o sei por experiência de longos anos".

Com a abertura da Igreja dos Estigmas (1822) , depois de sua restauração, o Beato Pe., embora tivesse colocado no altar-mor o quadro dos Santos Padroeiros Maria e José no mistério de seus Esponsais, começou, a convite do Bispo, celebrar toda a sexta-feira uma função especial em honra da Paixão e das Cinco Chagas de Jesus. Ele mesmo manda esta notícia pormenorizada ao Sumo Pontífice Gregório XVI.

Essa relação se torna a "Magna Charta" dos Estigmatlnos sobre este assunto. Ei-la com data de abril de 1844: "desde 1822, pela tarde, fazemos uma prática de piedade assim ordenada e disposta. - Cantamos primeiro, devotamente, algumas antífonas referentes às várias etapas da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; em seguida pelo espaço de meia hora temos um sermão moral com o escopo de promover todas as virtudes cristãs, mas sobretudo a veneração e a devoção a Nosso Senhor Crucificado, e logo se segue a Adoração às Cinco Chagas no Altar do Crucificado. Aí adoro as Chagas dos pés cansados pela minha salvação, feridos e sangrentos por meu amor. Adoro as Chagas das mãos derramando sangue e gotejando - mirra preciosa para curar minhas feridas. Adoro a Chaga do lado vertendo sangue e água por meu resgate".

No relato ao Pontífice o Bem-Aventurado Padre explica, qual seja seu escopo nas práticas das sextas-feiras pelas quais pede indulgências, afim de que nestes tempos de descrença, a piedade dos fiéis seja revigorada pela Paixão do Senhor Nosso Jesus Cristo. Pelo mesmo motivo pede Indulgência Plenária para a sexta-feira - depois do terceiro domingo de quaresma, isto é, na Festa das Cinco Chagas

que se veneram com culto preeminente. Esta função era tão de agrado ao Padre que quis reservar para si o Sermão que nela se fazia até que suas forças o permitiram, chegando a fazer-se carregar ao altar.

É verdade que não possuímos nenhum dos sermões que fez todas as sextas-feiras, desde 1822 a 1838. Possuímos, porém, uns vinte sermões de seu substituto Pe. Marani, que fielmente traduz o pensamento do Fundador. Desde 1838 os sermões ficaram a cargo "do benjamim do Pe. Gaspar", como o apelida o Pe. Gramego, isto é, do douto Pe. Carlos Fedelini que de 1835 a 1847, lhe foi companheiro de quarto e enfermeiro.

Substituiu-o na aula e se impregnou do espírito e do modo de pensar do Fundador. Suas práticas das sextas-feiras até o ano de 1846 se conservam todas em nosso arquivo. Depois dele, por muitos anos, as práticas das sextas-feiras ficaram a cargo do Pe. João Batista Lenoti, como o atesta a grande coleção que delas nos fica.

A função da sexta-feira nos Estigmas tem um sentido bem determinado que devemos redescobrir e reavaliar. O Beato Pe. une todas as semanas sua comunidade aos pés do Crucificado. Após os cantos das antífonas das várias etapas da Paixão, e as preces às Cinco Chagas Dolorosas e Sangrentas, faz sua exortação doméstica que atinge também aqueles fiéis que, desejosos de se embeberem de seu espírito, um dia se tornarão os melhores cidadãos de Verona, como o atestaram os Jesuítas.

Quando ao Bertoni sucederem nesta Cátedra de espiritualidade seus filhos, o ensinamento será sempre o mesmo: a escola do Crucificado.

Ainda depois da morte do Bertoni (1853) a mesma função da sexta-feira continuou por muitos anos, até que em 1892 foi substituída pela Via Sacra. Em 1900 foi instituída nos Estigmas a "Pia União da Via Sacra Perpétua" agregada à "Ara Coeli" de Roma. Foi portanto ponto pacífico fixar e pedir nas Constituições de 1925 um singular amor à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e em modo especial a Seus Sagrados Estigmas, isto é, as suas Cinco Chagas das quais por divina disposição recebe o nome nosso - Instituto". (Constituição nº 20).

A formula resistiu inalterada até a edição de 1970, quando sofreu esta modificação: "os confrades veneram os Sagrados Estigmas de Cristo dos quais toma nome a Congregação, como memória e sinal do Mistério Pascal (Constituição 11). E fica determinado, na Constituição 32 que Sagrados Estigmas são "Como que a síntese de todo o Mistério Pascal" que se perpetua na Liturgia Celeste".

Enfim, na edição de 1982, a definitiva, os Estigmas ficam como uma lembrança e sinal do Mistério Pascal que se perpetua na Liturgia e na vida da Igreja (Constituição 36). A esta altura se nos dirige a exortação de olhar para o Cristo Ressuscitado. "Escutamos como feito para nós o convite de Cristo para contemplar aqueles sinais da Paixão, conservados na glória para deles haurir, como os apóstolos, riquezas de fé e de amor".

Desapareceu qualquer alusão ao modo habitual do Bertoni olhar - para os Sagrados Estigmas, que era o de João aos pés da cruz, de Maria perante as Chagas dolorosas e sangrentas de seu Divino Filho. Subsistisse ainda alguma

incerteza em admitir que a marcante mística do Fundador foi abandonada, a colocação da festa titular no tempo pascal elimina qualquer dúvida. O tempo pascal "é o único tempo de contínua e perpétua alegria, tempo em que não nos ajoelhamos para rezar nem se jejua para fazer penitência. (S. Máximo de Turim). Faz-nos reviver através dos temas derivados do grande evento da Ressurreição, as manifestações que o Cristo, o Vencedor, continua atualizando em nosso meio.

Pergunto: salva-se deste modo aquilo que era espírito específico de nosso Instituto, conforme o Bem-Aventurado Fundador e a nós imposto como um dever nas constituições, isto é, de cultivar um singular amor à Paixão e aos Sagrados Estigmas ou Cinco Chagas das quais por Divina disposição tem seu nome nosso Instituto?

Não será completamente inútil lembrar alguns pontos da história para compreender como se tenha chegado a esta reviravolta. É do conhecimento público como o sucessor do Bem-Aventurado Fundador Pe. João Marani, antes do término do ano de 1853, ano da morte do Bertoni, enviando uma súplica ao Santo Padre Pio IX, para obter a aprovação do pequeno Instituto, pedia que designando-o com o nome dos Sagrados Estigmas se entendesse Estigmas ou Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não as de São Francisco em cuja Igreja surgiu. E de fato no Decreto de Louvor de 16.03.1855, os filhos do Bertoni são chamados "Sacerdotes dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo"... Junto a este nome foi introduzido e usado com preferência, o de "Missionários Apostólicos" palavra com as quais Bertoni marcara o fim do Instituto.

Quando em 1890 a Santa Sé cassou o nome de "Missionários Apostólicos", pois é título honorífico reservado a pregadores reconhecidos pela Congregação da Propagação da Fé, houve confrades inconformados com o título de Sagrados Estigmas, temerosos de serem apelidados de "Chagados" como nos relata o Pe. Stofella.

Daí entre os confrades teve origem um movimento que punha em dúvida se o vocábulo "Estigmas" fosse sinônimo de Cinco Chagas. Esse grupo tanto fez que a festa das Cinco Chagas que se celebrava "em alguns lugares", Verona inclusive, não fosse a nossa festa titular. Mas depois de 1919 iniciou práticas para alcançar da Santa Sé, Missa e Ofício dos Estigmas, mas considerados como Chagas Gloriosas.

O pedido foi indeferido, pois se tratava de uma devoção distinta da atual, às Cinco Chagas e porque representava aspectos novos - com bases discutíveis. Nesta circunstância a Congregação dos Bispos e Regulares examinou novamente a pasta "Stimatini" que jazia em seu arquivo e descobriu o pedido que Pe. Marani apresentara no dia 15/12/1853, no qual suplicava que com o vocábulo "Stimate o Piaghe", se entendesse aquelas de Nosso Senhor Jesus Cristo que foram o preço e a causa de nossa copiosa redenção e com os quais o grande Patriarca Francisco fora marcado e favorecido visivelmente em sua própria carne.

E foi muito humilhante que esse documento apresentado aos nossos superiores, fosse acompanhado com estas palavras sarcásticas de acusação: Vós, Estigmatinos, não conheceis nem vossa história".

Realmente o esquecimento do Fundador e de nossa história parece ser um mal endêmico entre nós. Pense-se ao Superior Geral que depôs, no Processo do Bertoni, não admitir a possibilidade de sua Beatificação, porque para ser santo se

requer muito mais e que em carta dirigida ao mesmo Tribunal Eclesiástico, chega a dizer que Pe. João Lona dava sinais de "exaltação mental". E por que? Porque procurava indefessamente documentos sobre o nosso venerado Pai. Doloroso, humilhante e inexplicável esquecimento do nosso passado...

O Pároco de São Nazário, Pe. Henrique Chicarello, que por 12 anos freqüentou os Estigmas, depôs no processo sobre o Bertoni: "no oratório dos Estigmas que freqüentei quando criança, não se escutava falar".

Em polêmica com nosso maior historiador Pe. Stofella, o Superior Geral Pe. Zaupa continuou a cultivar a esperança que os Estigmas Gloriosos um dia teriam triunfado. Por esse motivo em 1945 encarregou Pe. Inácio Bonetti de fazer um estudo sobre o problema, como tese de láurea de teologia no "Angelicum de Roma".

A conclusão daquele estudo foi esta: "A devoção às Chagas Gloriosas não está presente na história e por isso a piedade dos fiéis dirigiu-se sempre as Chagas Dolorosas da Paixão".

Assim caía o último obstáculo que impedira a designação de uma nossa festa titular e o Capítulo Geral de Junho de 1946 podia definir a Festa das Cinco Chagas Sagradas como Festa Titular da Congregação conforme a Constituição 20.

Recentemente Pe. Bonetti voltou sobre o seu estudo e chegou a conclusões opostas. Ele agora para recuperar a visão unitária e global do Mistério Pascal, que fora obnubilado na teologia e piedade cristã fêz-se de promotor do transferimento da festa dos Estigmas da sexta-feira antes das Cinzas para a sexta-feira depois - do segundo domingo de Páscoa.

Voltamos assim, ao esquecimento total de nossa história e por uma proclamada visão unitária do Mistério Pascal não se receou dividir a Congregação em duas frentes.

Valia mesmo a pena ressuscitar antigas polêmicas? Enquanto o Bem - Aventurado Bertoni reunia todas as semanas seus filhos em torno de Jesus Crucificado, hoje seus filhos são reunidos uma vez por ano em volta do Cristo Ressuscitado. No atual clima de recuperação da visão teológica da unidade do Mistério Pascal, tornou-se uma necessidade celebrar os Estigmas só na alegria pascal sem que haja ainda um lugarzinho para parar com o Bertoni aos pés de Jesus Crucificado?

É a pergunta que dirigi a Pe. Divo Barsotti e do qual tive a seguinte resposta: "freqüentemente hoje se nos oferece a tentação e nela caímos, de querer antecipar a economia da glória".

O Cristo ressuscitou, mas precisamente por motivo de sua ressurreição que nos mereceu o dom de Seu Espírito, nós somos agora com Ele um só corpo porque em nossa carne passível se torne presente o Mistério da Paixão. É precisamente pela nossa união com Ele que a Paixão por Ele superada em Seu Corpo glorioso continua e se faz presente a nós que vivemos em carne passível.

Até o fim dos tempos morte e ressurreição são elementos indivisíveis de um único mistério, mas a glória da ressurreição para nós fica ainda secreta, escondida, ao passo que não é secreta a humilhação da morte. Até o fim, até que Ele venha, nós devemos anunciar a Morte do Senhor, diz São Paulo".

Teria sido mais conforme ao nosso espírito o exemplo dos seguintes autores: Philippe Delhayc, (Il mistero della Croce nei testi dei Vaticano II); Domenico Grasso (La Croce in un mondo secolarizzato); G. Giaquinta (La teologia della Croce); Adolfo Lippi (Teologia della gloria e teologia della Croce); Flávio di Bernardo (Croce e Salvezza nella storia della spiritualità cristiana); Cardeal Pietro Parente (Esperienza mística dell'Eucaristia).

O Cardeal Parente trata da mística da cruz em relação à Eucaristia. "Certa teologia moderna, escreve, vai gritando que é mister exaltar não tanto a Cristo Crucificado, mas sim o Cristo Ressuscitado (Cristo Pascal) a quem é de dever apegar-se, pulando a triste sexta-feira Santa, como se Cristo não tivesse antecipado e encerrado a tragédia toda da sua Paixão e da sua Morte na Santíssima Eucaristia, Sacrifício-Sacramento na tarde de Quinta Feira Santa no Cenáculo. Estes alegres "pascoalinos" deveriam - ler com maior atenção São Paulo Apóstolo e recordar que Santa Catarina de Sena em seu Diálogo apresenta o Crucificado como uma - ponte ou escada que é de mister subir amorosamente para chegar - ao céu. São do mesmo parecer São João da Cruz e São Paulo da - Cruz e todos os Santos"... inclusive o Pe. Bertoni conhecido pela sua Mística da Cruz que teve seu ponto mais alto no êxtase diante do Crucificado, pouco antes de dar início à sua vida de martírio.

As conseqüências da mudança de rota registrada em nossa espiritualidade pode refletir-se de modo delitério na formação dos nossos. Chega-se a dizer: hoje não se pode falar de cruz e sacrifícios a nossos noviços, pois é um discurso que não aceitariam".

No Seminário de nossos educadores que se realizou na África do Sul se diz que "Um aspecto da missão dos Estigmatinos é a paz e a alegria que brotam dos Estigmas Gloriosos" e nem sequer um aceno à Paixão e a Cruz. No mesmo tempo e em circunstancias análogas o Superior Geral dos Missionários da Consolata dizia: "É urgente apresentar de novo a "Theologia Crucis" como componente - da formação... a relação íntima entre os aspectos formativos e a cruz pede uma grande pobreza e uma grande humildade. Para os - jovens são duas atitudes difíceis, mas são virtudes, desde tempos imemoráveis, são virtudes de profundidade.

Kierkegaard em seu diário aponta a diferença entre a Igreja do Oriente e do Ocidente: "ambas, em modo humanamente misterioso procuraram para si uma imagem de Cristo, o Oriente no conhecido retrato do Rei Abgar, o Ocidente nos Cinco Estigmas gravados no corpo de São Francisco". E anteriormente escrevera que se a igreja Grega dera mais Padres, a Romana dera mais Filhos.

Não deveremos atribuir nossa esterilidade à perda da imagem de Cristo que nos apresentou o Fundador?

A propósito da grande Cruz que em 1826 apareceu horizontalmente, sobre a multidão de Minié, no encerramento de uma grande Missão, o Pe. Rozavem manifestou o temor que fosse anúncio de sofrimentos. O Pe. Bertoni retrucou: "O Pe. Rozavem tem medo da cruz que apareceu no céu da França, eu tenho medo da cruz que desapareceu do coração de muitos países". Quanto maior deve ser o medo pela cruz que desapareceu do coração dos sacros Ministros. Por isso o Bem-Aventurado dizia num retiro: "Ó Sacerdote, considera profundamente e todos os dias

a este Crucificado. Devemos confessar - que os padres "meditam menos que os outros".

No dia 14.09.84, no encontro com o clero de Toronto, João Paulo II explicou que "o sentido e o escopo da vida Sacerdotal emanam do Mistério da Cruz de Cristo" e a 11.02.1984 publicou a carta Apostólica "Salvifici Doloris" que parece uma mensagem especial enviada a nós religiosos adornados dos Estigmas ou Chagas - de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Bertonni, de fato, considera a vida religiosa como um particular seguimento de Cristo no caminho do Calvário. "Com altos e baixos procedemos nas pegadas Daquele que nos precede com sua cruz às costas e continua gritando: Quem quiser vir após mim renegue a si mesmo, tome a sua cruz às costas e me siga. (Lc. 9, 23).

Em outubro de 1983 realizou-se em Itaiaci (SP) um Congresso Sul Americano organizado pela "Stauros" sobre: O sofrimento Humano e o compromisso cristão na América Latina". E a REB dedicou-lhe o inteiro e massudo caderno de março de 1984. O Secretário Geral - do Movimento, o belga Pe. Harry Gielem C. P., na apresentação observou que em tempos idos muitas vezes levávamos a "Palavra da CRUZ" de modo inconsiderado, proclamando-a como uma mensagem abstrata, sem conexão com a realidade violenta do sofrimento concreto em que nasceu.

Agora não deve mais ser assim, devemos "aprender a soletrar a" palavra da Cruz "em solidariedade com os pobres e oprimidos, cuja situação constitui o Calvário dos nossos dias em suas diversas formas, no mundo inteiro".

Não é possível parar para citar quanto é dito nos vários artigos e no sólido estudo do Pe. Terra em "Vozes e mensagens da Bíblia - sobre o sofrimento".

É realmente para estranhar como precisamente agora em nossas - constituições seja suavizado o uso da palavra "CRUZ", quando pelo contrário nos declaramos a serviço especialmente dos pobres e sofredores. Quer-se talvez evitar aquela "atitude morbosa de - dor perante o crucificado" de que alguns teólogos modernos acusam a idade média? Mas a eles já responde Pio XII em sua encíclica "Mediator Dei": "Alguns chegaram a suprimir nos templos as imagens de Cristo Crucificado que o representam sofredor... Mas precisamente suas acerbias dores constituem o mistério principal sobre que se opera nossa Redenção. É mais conforme à Fé crista que este mistério ocupe lugar de realce.

Concluindo, resumo quanto disse, nos pontos seguintes:

1. O Beato Bertonni não tem visão particularizada do Mistério Pascal. Ele é - cômico que este mistério abraça PAIXÃO, MORTE E RESSUREIÇÃO.
2. Se ele, como se mostrou, pára em contemplação diante do Cristo em sua faceta - de sofredor e mártir, é exclusivamente por sua vocação especial que providencialmente marcou sua vida mística e sua obra religiosa.
3. Por anos seguidos a seus filhos e seguidores marcou encontro semanal aos pés da Cruz não somente para honrar a Paixão e as Chagas Doloridas e Sangrentas de Cristo, mas ainda para haurir Dele lições preciosíssimas,

4. Por anos seguidos ainda depois da morte do Bertoni, seus filhos cultuaram os Estigmas ou Chagas de Nosso Senhor, com o piedoso exercício da Boa Morte por ele instituído e depois substituído pela Via Sacra.
5. O atual transferência da festa titular para o tempo Pascal, não encontra absolutamente sufrágio em nossas fontes históricas ou tradições, mas é exclusivamente fruto de uma mentalidade teológica apresentada recentemente (até 1972).
6. A atitude do Beato Pe. em favor da Paixão e da Cruz, no dizer de competentes consultados, pode muito bem subsistir - ainda diante das diretrizes da nova teologia, portanto deve ser resguardada a todo o custo se não quisermos perder - um dos traços mais característicos de sua espiritualidade.

Roma, 20.09.1984
Pe. Nello Dalle Vedove

†
†††
†



Pe. Nello com os Estigmas ao fundo
(Verona, 29/09/2000)

Pe. Nello Gino Dalle Vedove é sacerdote da Congregação dos Sagrados Estigmas, Província Sacro Cuore, Itália. Nasceu em 02/04/1917 em S. M. Estra, VR, Itália, e foi ordenado sacerdote em 13/07/1941.

É autor de diversos livros sobre São Gaspar Bertoni, inclusive de sua biografia em seis grandes volumes. Juntamente com Pe. Giuseppe Fiorio [1876-1958] e Pe. Giuseppe Stofella [1885-1966] é tido como um dos maiores historiadores Estigmatinos.

Foi postulador da causa de beatificação e posteriormente de canonização do Fundador, que veio a concretizar-se no dia de Todos os Santos no ano de 1989.